

Meu caro Milton, lamento o segundo ataque de gripe que te chateou, mas suponho que passou do campo de ser para o do poder-ser, tendo perdido a dimensão do "necessário", e guardado apenas a do "virtual". Escreve deste jeito porque estou lendo livro, "Les ruses de l'intelligence: la "métis" des grecs" da coleção Champs de Flammarion, do qual falarei num instante. Mas primeiro tua descrição das eleições que me dá a pensar o seguinte: aqui foram que se ignoradas, de modo que não sei se é verdade que o parlamento foi eleito após a eleição do governo, embora sua tarefa principal seja precisamente eleger o governo. Talvez isto seja piada dos mass media, mas se fôr verdade reforça o que quero submeter-te. Você escreve que "a realidade é múltipla" porque permite varios aspectos. Mas eu acrescento que ela é múltipla num sentido ainda mais perturbador: consiste de varias camadas das quais é impossível dizer qual delas é mais profunda, (radical), que a outra. Exemplo: o golpe militar foi dado para combater a corrupção e a subversão, isto é o populismo e a inflação, e após 15 anos de regime militar o populismo e a inflação são exatamente como o eram. A "realidade radical" não foi atingida por epifenômenos como golpes. Exemplos maiores da mesma tese: a Alemanha ocupa exatamente o mesmo papel na Europa que teria ocupado sem as duas guerras, o nazismo, e 30 anos de democracia. A siderurgica está em crise já prevista há 50 anos, quando não se falava em crise petrolifera, em metais não-ferrosos e em crise da construção. A família burguesa está se decompondo em ritmo previsível desde a belle époque, embora revoluções marxistas, ideias psicoanalíticas, a crise da fé etc. não tenham agido para decomporla no final do século 19. Em suma: parece que há camadas mais profundas da realidade que obedecem a regras não atingidas por eventos superficiais. Mas isto não implica que descobrir tais camadas é "lêr a realidade". Tua "calculabilidade de probabilidades" não funciona. Em 1964 não era possível calcular que o golpe não daria em nada por duas razões opostas. A primeira é que embora o golpe não tenha modificado aquilo que pretendia, deve ter tido consequências não pretendidas, por ora ainda não verificáveis. A segunda razão é que os eventos "efemeross" são precisamente o nível no qual vivemos/ os golpes, as guerras, as revoluções são o stuff do qual somos feitos. Em outros termos: embora se possa dizer que o livro "origens das especies" é acontecimento mais radical que a crise petrolifera, tal afirmativa exige que se indique que os criterios ontologicos que fundamentam tal afirmativa, e aí verificaremos que os proprios criterios são funções das camadas da realidade que pretendem medir. Em suma: embora o golpe possa ser considerado acontecimento superficial, isto não nos liberta da necessidade de analyses fenomenologicas, (superficiais), do mundo. Devemos engajar-nos em eventos mesmo se os podemos tornar transparentes para realidades outras, porque não dispomos de criterios que nos permitam julgá-los. Isto é muito chato.

Isto me leva ao livro mencionado. Eis a tese: no pensamento mitico grego há dois modelos de "conhecimento - episteme". O "saber - nous", e o

"saber fazer - mètis". O nous diz respeito ao Ser, a mètis diz respeito aos acontecimentos. Zeus fecunda Mètis, mas quando esta está prenhe de Athene Zeus a devora, porque teme que a filha vai roubar-lhe o trôno. Athene nasce na barriga de Zeus, sobe até a sua cabeça e sai pelo crânio. Ela é filha tanto de "nous" quanto de "mètis", e o proprio Zeus, o grande noiétés, é também polymetes depois de ter comido a esposa. A diferença entre nous e mètis é constantemente vivenciada pelos gregos. O heroi de nous é Heracles, (o que sabe o que deve ser feito), o heroi da meetis é Ulysses, (o que sabe dar jeitos). Os métodos da nous são a visão, (theoria), e a virtude, (arete). Os métodos da mètis são o subterfugio, (mechané), o jeito, (techné), e a arapuca (stratagemas). O nous é imovel como o proprio Ser, a mètis se mexe e retorce como a água e a cobra, (hydra). O nous é proteron, a mètis é deuteron o nous é apeiron, a mètis é o poros da aporia. Pois a tradição filosofica recalca a mètis, porque despreza as aparências em prol do ser. Platão argumenta contra a arte, precisamente porque leva a mètis. Aristoteles elimina a mètis como meio de alcançar episteme. Os proprios sofistas, esses mestres da mètis, a calam nos seus escritos, mas talvez isto seja stratagemas, já que o órgão pelo qual a lula copula com outra lula, (lula é uma das morphai de mètis), se chama "sophisma". A mètis é, no entanto, visível na tragédia, na comédia, nos tratados de caça e pesca, nos de navegação, e sobretudo nas fábulas. O animal da mètis é a raposa, como o do nous é a águia.

Não preciso continuar para que você capte o que me fascina. A diferença entre nous e mètis não é, como se pode crêr, a entre razão teorica e prática kantiana, nem a entre teoria e observação, nem a entre pensamento sistemático e disciplinado e pensamento heurístico e projetivo, mas é simplesmente a diferença entre pensamento honesto e pensamento safado. A diferença entre um sujeito razoável e um sujeito esperto. Quando se diz que "brasileiro não é bobo", se diz que ele é "polymetes", um Macunaima. Os antisemitas consideram a inteligência judia como "mètis". Os artistas são polytechnikoi, fazem mechànikai dolai, (subterfugios desonestos), porque são possessos pela mètis. Talvez tua visão dos renascentistas seja a de gente possessa por mètis contra o nous aristotelico? Certamente a cibernética é articulação da mètis no campo da episteme, já que não quer "saber", (deixa a caixa preta sendo preta), e quer "governar", (controlar o input e o output da caixa). A tecnocracia é a vitoria de mètis sobre o nous, já que é "kratos", (violencia), e não "dyne", (força), e já que é techné e não sophia. É o contrario de sophidynia). Em suma: a nous é "metà té physiké", porque visa o imutável, e a mètis é fenomenologica, porque visa aquilo que parece, resplandesce e engana, (phainein). E com isto estou fechando o circulo iniciado pela consideração das eleições parlamentares. Aliás o circulo caracteriza a mètis, (é cobra que come a propria cauda, é Prométeu que se retorce nas algemas), enquanto o nous é reta, é flecha. Por favor, Milton, me diga o que você pensa. Tenho vergonha de te desejar 1979, por ser isto kitsch, mas te desejo assim mesmo, porque é a verdade.